

Merten Nefs

Orientadoras:

Vera Pallamin

Sueli Schiffer

Marisa Carmona (TU Delft)

S

*UBCULTURAS e
REVITALIZAÇÃO URBANA:
EXPERIÊNCIAS RECENTES
EM AMSTERDÃ, BERLIM e
SÃO PAULO*

RESUMO

Este trabalho discute a possibilidade de tratar as subculturas como instrumento de revitalização urbana. Uma análise da literatura nos dá a percepção do debate sobre as novas relações entre o governo e pequenos grupos subculturais na sociedade de hoje e introduz a terminologia de pioneiros urbanos, incubadoras e catalisadores. Estudos empíricos em Amsterdã, Berlim e São Paulo mostram as vantagens e desvantagens de suas implementações como instrumentos de revitalização urbana na prática.

ABSTRACT

This text discusses the possibilities of using subcultures as a tool to revitalize urban areas. An analysis of the literature on the subject sheds light on the debate about the new relations between government and small subcultural groups found in today's society and introduces terminology of urban pioneers, incubators and catalysts. Empirical studies carried out in Amsterdam, Berlin and São Paulo show the advantages and disadvantages of the practical applications of these tools in urban revitalization.

INTRODUÇÃO

Este trabalho discute a possibilidade de tratar as subculturas como instrumento de revitalização urbana. Esse instrumento pode ser ativado por governos municipais para iniciarem ou acelerarem processos de revitalização como iniciativa pioneira, incubadora ou catalisador urbano.

O papel da cultura nos processos de revitalização urbana pode ser descrito em duas escalas: a função da cultura de massa na grande renovação urbana e as subculturas, minorias culturais, cujas iniciativas locais podem provocar revitalização urbana. Grandes operações urbanas geralmente têm a valorização como objetivo e a “gentrificação”¹, como consequência. Muitos autores já discutiram sobre o paradoxo da gentrificação, a qual, por um lado, produz melhoramento do espaço urbano e da economia local e, por outro lado, promove exclusão social. Vaz e Jacques² escreveram:

“uma verdadeira revitalização urbana através da cultura seria aquela que (...) reinstaurasse nova vitalidade tanto urbana quanto cultural à área de intervenção, através das mais diversas iniciativas culturais, não necessariamente grandes projetos ou obras, mas que, no entanto, incorporem também a população e a cultura local.”

Os efeitos negativos da valorização ocorrem não apenas nas cidades européias ou norte-americanas. Van Kempen e Marcuse³ pesquisaram efeitos de gentrificação na América do Sul:

“Infraestrutura e serviços têm papéis importantes na especulação. Em cidades onde são escassos há exclusão dos pobres das áreas bem-equipadas. Alguns bairros têm sido progressivamente atraentes para empresas, sobretudo aqueles que se localizam perto de (novos) centros de emprego e lazer (urbano). [...] Isto tem provocado deslocamento de famílias de baixa renda, forçando-lhes a ficar e se concentrar em áreas menos atraentes que ainda estão disponíveis.”

Vale a pena pesquisar a cultura de jovens e as subculturas, em geral, como atores urbanos por sua capacidade de, localmente, reforçar estruturas sociais, gerar empregos e novas possibilidades econômicas nas áreas de turismo, arte e vida noturna. Isto, por sua vez, ajuda a evitar os efeitos negativos da gentrificação. Essas estruturas informais, contudo, são muito frágeis e podem ser facilmente destruídas por regulamento excessivo e planejamento.

O objetivo da primeira parte do artigo é chamar a atenção para a importância de subculturas como atores urbanos no processo de revitalização e discutir a maneira como elas são ou poderiam ser incorporadas nas estratégias políticas. A segunda parte trata da implementação desse instrumento na cidade de São Paulo.

Uma análise da literatura sobre subculturas nos fornece uma idéia de seu papel na sociedade atual e suas manifestações físicas na metrópole, especialmente a que trata das subculturas como catalisadores urbanos ou incubadoras. Exemplos concretos de revitalização urbana em Amsterdã e Berlim mostram que iniciativas de subculturas são consideradas importantes na estrutura

(1) Da palavra inglesa gentrification.” *To change an area [...] so that it is suitable for people of a higher social class*”. *Oxford advanced learner’s dictionary*, sixth edition, 2000.

(2) *Espaço & Debates*. A cultura na revitalização urbana – Espetáculo ou participação?, n. 43-44, p. 134, 2003.

(3) KEMPEN, Ronald van and MARCUSE, Peter (1997), p. 289.

cultural e social da cidade e também como políticas fornecem espaços para apoiá-las. Eles mostram as dificuldades surgidas durante e após a realização desses projetos.

Comparando-se isso à situação de São Paulo, veremos algumas diferenças fundamentais com respeito à concentração dos jovens e os locais da vida noturna, aos objetivos dos movimentos subculturais, ao *status* cultural do centro antigo e à ocupação de prédios em áreas desindustrializadas. Em parte essas diferenças se explicam pela (falta de) intervenção do governo e, em parte, pelos próprios grupos subculturais. Os exemplos são acompanhados de dados demográficos, localização de equipamentos voltados à vida noturna, espaços vazios e equipamentos culturais. Os estudos empíricos sobre subculturas e movimentos sociais foram realizados por Lieuwe Conradie e Merten Nefs em Berlim e São Paulo, respectivamente em 2002 e 2004. O estudo em Berlim foi supervisionado pela Profa. Dra. Franziska Bollery da TUDelft/TUBerlin.

SUBCULTURAS COMO INSTRUMENTO PARA REVITALIZAÇÃO URBANA

Como funciona essa outra maneira da revitalização? O que, exatamente, são subculturas e qual seu papel na sociedade? E, mais especificamente, como elas melhoram seu ambiente? Embora a cultura tenha o potencial para criar unidade, também pode ser usada por grupos para se diferenciarem do resto. Essas minorias culturais, representando grupos específicos com suas próprias crenças e idéias, chamamos de subculturas. Os conceitos do termo “subcultura” variam e, às vezes, comportam o significado bastante negativo de uma cultura obscura, ilegal ou inferior. Este artigo discute, especificamente, as subculturas, as quais são vistas como vanguardistas ou inovadoras, não se opondo à cultura, mas, pelo contrário, são as atividades nas quais começa a cultura, atividades a gerarem processos urbanos e participarem na comunidade local⁴.

Os processos de globalização, imigração e liberalização provocaram relações novas entre governo e cidadão. O cidadão tem se tornado uma entidade dinâmica, complexa, com variedade ampla; isso significa o fim de uma história comum e a ascensão de grupos pequenos, chamados “tribos” por Maffesoli, nas massas da sociedade. Uma tendência geral é de os governos (especialmente de esquerda) agora tenderem a escutar mais e apoiar pequenas iniciativas, brotando na própria sociedade, em vez de impor grandes projetos à comunidade local. Além disso, há a tendência do aumento da influência do setor privado em questões antes controladas só pelo governo.

O setor comercial aprendeu a utilizar subculturas para vender produtos e ajudou a defini-las como grupos. Bons exemplos são marcas de roupas e gravadoras de música. O comércio usa categorizações subculturais como estratégia de marketing. Muitas categorias foram até inventadas por essas marcas e gravadoras. Em geral, a cultura alternativa está criando nichos no mercado de

(4) Essa idéia de cultura alternativa nasceu nos anos 60. Quando cultura se tornou instrumento econômico de políticas, sua essência tornou-se mais comercial e começou a perder os aspectos críticos e artísticos. Formaram-se grupos que rejeitavam essa cultura de massa, chamados “minorias culturais”, “contracultura”, cultura “alternativa” ou “marginal”. Isso levou ao protesto dos situacionistas em Paris, em 1968, contra a cultura espetacular. Contra a espetacularização generalizada, a cultura de não-participação, não-intervenção, passividade e alienação da sociedade.

trabalho, como moda, vida noturna e lazer. A vida noturna gera empregos e representa uma parte substancial da vida cultural em qualquer metrópole. Novas profissões, como DJ, criam empregos em vários bares, clubes, lojas e cabeleireiros. A vida noturna está se tornando cada vez mais atraente para os turistas, os quais gostam de “explorar” essas atividades em cidades diferentes. Cultura e subculturas criam uma imagem da cidade no mercado global (*city-branding*), atraindo investidores e turistas. Junto de restaurantes, teatros e cinemas, a vida noturna e cultura *underground* também estão atraindo turistas.

Durante as últimas décadas jovens tiveram cada vez mais possibilidades de viajar. *Skating, break dancing, hip hop* e grafiteiro estão sendo mais aceitos como maneiras de expressão cultural e lazer. Quando subculturas começam a criar uma vida cultural em uma área deteriorada, sua ação pode atrair um público que segue as novidades culturais e, indiretamente, atividades comerciais como restaurantes, lojas e galerias. A presença e manifestação física de subculturas podem acelerar ou até iniciar o processo de revitalização urbana.

Na literatura sobre arquitetura e política urbana em relação a essas iniciativas encontramos o emprego de três categorias: pioneiros, catalisadores e incubadoras urbanas⁵. A primeira iniciativa que tenta operar em uma área deteriorada é entendida como sendo o **pioneiro urbano** – é ela a correr o risco ou fazer o descobrimento. Por analogia com o significado na química, o **catalisador urbano** é um agente a acelerar um processo urbano. Esse potencial das subculturas é bem conhecido, e, às vezes, usado deliberadamente em estratégias urbanas do governo e especuladores imobiliários. A mistura mágica a causar essa revitalização local contém:

- (1) espaço vazio, por exemplo, áreas industriais disponibilizadas pelos donos ou por intervenção política;
- (2) os usuários e atividades temporárias; e
- (3) seus efeitos no ambiente, o enriquecimento visual, cultural e funcional da região.

Cidades prósperas possuem poucos espaços vagos/residuais, diz Oswalt, mas suficientes para serem ocupados e reusados por analogia com a noção agrícola do sistema de três campos. Um campo é cultivado em uma seqüência de três fases; nas duas primeiras fases, tipos diferentes de plantas são criados e, na terceira fase, o campo fica sem cultivo para regenerar sua fertilidade. Os agentes dessa fase são os próprios usuários temporários, ou parte do governo municipal, ou o dono, como “submarinos”⁶. Usos temporários podem ser de qualquer tipo – moradia, trabalho (como produção ou serviços), lazer, consumo e serviços sociais. Típico é cultura de jovens como música, *clubbing*, arte, lazer, esportes; empresas iniciantes, inventores, etc.; culturas alternativas, culturas migrantes ou mercado de pulgas.

Iniciativas subculturais em uma área decadente podem funcionar como uma **incubadora urbana**, laboratório ou terreno de testes para novos tipos de atividades. Os desenvolvimentos mais novos na cultura popular, arte e novas mídias nascem nessas áreas. Mesmo dispondo de poucos recursos, elas são

(5) O pioneiro urbano é mencionado em relação à revitalização urbana do centro comercial da cidade de Sacramento (EUA), em um artigo por Terri Hardy, no Sacramento Bee Online, dia 2 de janeiro de 2005. O catalisador urbano e a incubadora são mencionados no site de Philip Oswalt (www.urbancatalyst.de) e em seu livro *Berlin Stadt ohne Form*.

(6) Palavra usada na Europa para pessoas aliadas à cultura alternativa que operam como proprietários ou dentro do governo municipal.

(7) TOPALOVIC, Milica; NEELEN, Marc; DZOKIC, Ana (Stealth group). *Culture of temporary use in Amsterdam*. www.urbanos.com (2003). Acesso em: 01-11-2004.

centros para a produção cultural de suas cidades. Não é coincidência aparecerem em guias turísticos com a mesma importância dos principais museus e instituições culturais da cidade. Nos anos 90 exemplos desse tipo de terreno podiam ser encontrados nos portos de Amsterdã, Roterdã e Berlim oriental.

Paradoxalmente, a maioria das atividades culturais chamadas vanguardistas precisam de espaços baratos e mais ou menos decadentes. Uma vez que a área se valoriza e torna-se mais cara, renovada e regulada, essas iniciativas se mudam para outras áreas ou simplesmente param de existir. Com esse efeito de auto-exclusão das iniciativas subculturais em mente, podemos nos perguntar o seguinte: qual é o propósito do catalisador urbano? É só revitalizar uma parte da cidade para se mudar, depois, para uma outra área? Se esses tipos de lugar ainda existirem e continuarem disponíveis, poderíamos considerar o processo como um ciclo. Ou será que políticas deveriam tentar manter essas iniciativas na própria região de maneira mais permanente? Às vezes, o uso de subculturas como instrumento político ou comercial provoca o paradoxo de “subculturas institucionalizadas”. Isso enfraquece seu caráter crítico e independente.

EMPREENHIMENTO ALTERNATIVO E INCUBADORAS EM AMSTERDÃ-NORTE

Durante os anos 90 a liberalização da economia causou a rápida comercialização e gentrificação do centro antigo de Amsterdã, ameaçando sufocar seus recursos criativos e a diversidade cultural. As docas centrais da cidade foram limpas para projetos de habitação de alta renda e a cena alternativa que, novamente, tinha levado vida à área, foi excluída. Ela encontrou novas áreas abandonadas, como as docas de Amsterdã-Norte.

“A prefeitura de Amsterdã-Norte foi provocada por este, literalmente criativo e inovador, transbordamento do centro, para suas próprias ambições de desenvolvimento.”⁷

Por meio de uma competição pública foi criado acesso temporário ao cais da empresa naval NDSM. Os vencedores, um grupo de ex-invasores de propriedade chamado Kinetic North, puderam começar a usar o terreno de um jeito experimental e mais flexível que atrairia atividades urbanas para as docas decadentes, e, por conseguinte, geraria a necessária vitalidade cultural e social. Essa aliança da prefeitura e um grupo anteriormente antiinstitucional mostra que a distinção entre governo e empreendedores está começando a desaparecer. O projeto é uma organização híbrida de cultura alternativa, interesse público e força comercial. Para esses empreendedores as limitações do governo lento e grandes companhias são razões para montar a própria estrutura e rede alternativa. Durante algumas décadas a rede dos invasores transformou-se de grupo de pressão, lutando para habitação acessível e um estilo alternativo de vida, em um componente respeitado da vida cultural de Amsterdã.

(8) Broedplaatsenbeleid, vrijplaats.

(9) TOPALOVIC, Milica; NEELEN, Marc; DZOKIC, Ana (Stealth group). *From squatter to cultural entrepreneur decade of transformation of Amsterdam squatting network*. www.urban-os.com (2003). Acesso em: 01-11-2004.

(10) Progress Report of two years Policy of Breeding Places in Amsterdam, december 2001. Fonte: www.woonwerkpenden.nl. Acesso em: 01-11-2004.

(11) Uma área incubadora perto de Amsterdã, parte demolida para a construção do Afrikahaven, parte preservada como vila de artistas. Porém a cena cultural inicial já tinha mudado.

(12) *"The debate between the protagonists of 'critical reconstruction' and the 'modernists' on the site of the former Wall and other abandoned land in Berlin was (...) about acknowledging that abandoned land provides physical nourishment for the development of sustainable urban structures, cultures and networks."* Kees Christiaanse, 2002.

(13) OSWALT, Philipp (2000).

(14) Palavra de origem inglesa. *"A large party, held outside or in an empty building, at which people dance to fast electronic music and often take illegal drugs."* Oxford advanced learner's dictionary, sixth edition, 2000.

Em 1999 a cidade adotou uma política de criação de incubadoras de criatividade⁸, as quais oferecem espaço às atividades na área de artes plásticas, arquitetura, artes cênicas, desenho, filme e outras disciplinas. Muitas vezes elas também exercem um papel na complementação do nível de serviços em um bairro. Os espaços oferecidos contam com grandes dimensões e aluguéis baixos para oferecerem possibilidades para quem não consegue uma posição no mercado imobiliário para espaços comerciais⁹.

Uma avaliação do projeto, depois de dois anos, revela grandes dificuldades para alcançar os objetivos.

*"As políticas imobiliárias neoliberais estão destruindo mais diversidade [cultural], criatividade e acesso da cidade do que pode ser salvo pelas políticas das incubadoras."*¹⁰

Só algumas incubadoras foram realizadas e parece difícil adquirir mais edifícios. Estes são sempre vendidos aos maiores compradores e a posição financeira do grupo de projeto é muito precária para competir com as instituições comerciais.

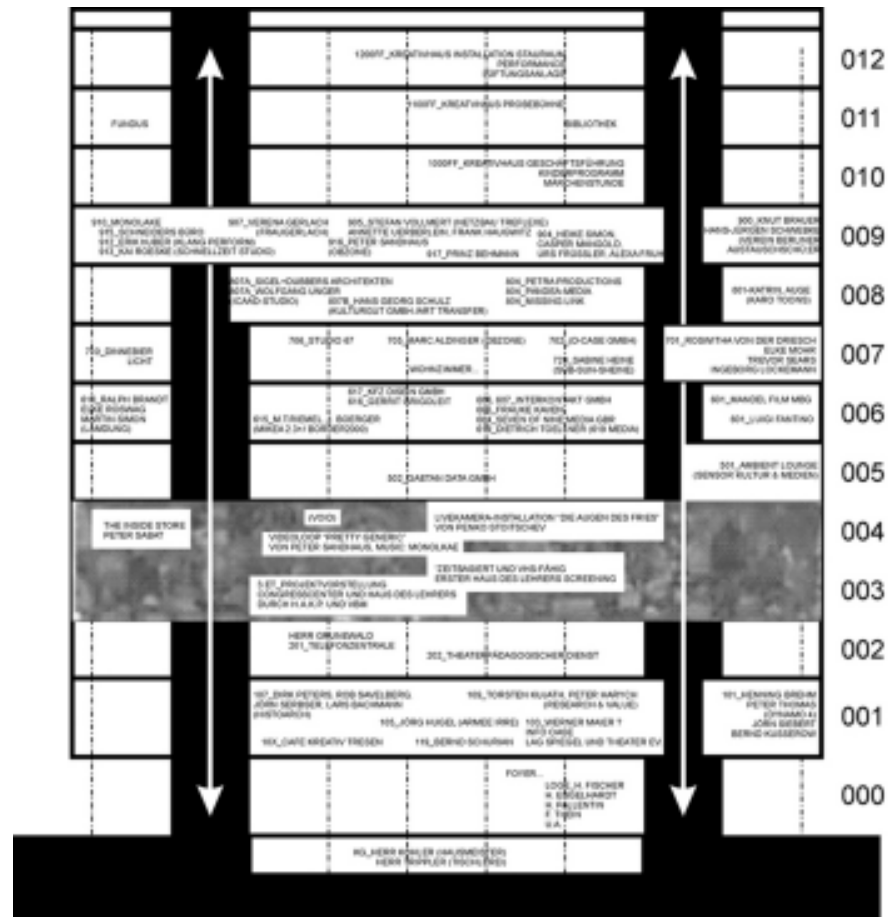
Em outras palavras, para o projeto se tornar um sucesso será necessário mais intervenção do governo. Contudo, obviamente há um limite na proteção institucional de algo supostamente espontâneo. Às vezes, a preservação dessas incubadoras a qualquer custo, por exemplo, em Ruigoord¹¹, apenas leva a um resultado superficial.

SUBCULTURAS E GENTRIFICAÇÃO NO CENTRO DE BERLIM

A famosa vida subcultural, nos anos 90, em Berlim, pôde florescer por causa de específicas circunstâncias físicas e políticas. A história do planejamento urbano de Berlim é caracterizada por ideologias e intervalos de destruição, efeitos do colapso de quatro estados alemães, os bombardeios e lutas da Segunda Guerra Mundial, a divisão da cidade, estagnação do crescimento e diminuição, planejamento ruim e desindustrialização, os quais deixaram grandes áreas indefinidas no tecido urbano. Dessa maneira, foram criados espaços aparentemente sem função, tornando-se espaços incubadores para atividades inesperadas¹².

Nos anos 70 e no início dos anos 80 Berlim afirmou sua posição de uma ilha alternativa na Alemanha e tornou-se famosa internacionalmente por sua cena subcultural, os movimentos de invasão em Kreuzberg, estilo de vida alternativo e punk. Nesse período a cidade atraía muitos artistas legendários como David Bowie, Depeche Mode, Nick Cave, U2 e Iggy Pop. Depois da queda do muro, em 1989, uma cultura de clubes de música eletrônica e uma nova cena de arte se desenvolveram *"Isto é um bom exemplo da euforia emergente na nova Berlim e tem contribuído consideravelmente ao status legendário da capital."*¹³ O interesse na música eletrônica, crescente em Berlim, manifestou-se em raves¹⁴ ilegais como

Estrutura operacional de
Haus des Lehrers, Berlim
Mitte
Fonte: Rob Savelberg,
Berlim

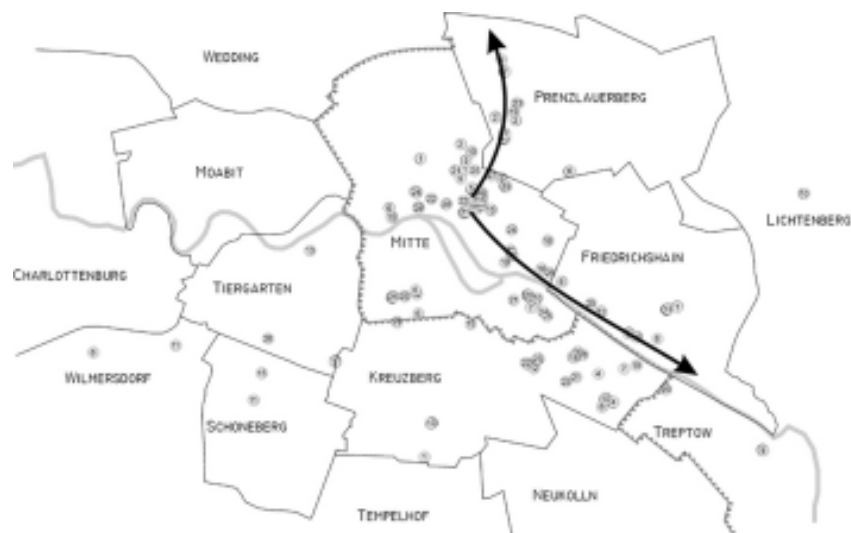


(15) Em 1994, 7,8% da população contavam entre 18 e 24 anos de idade; em 2002, 8,8%. No caso de Berlim também é interessante considerar a população entre 25 e 34 anos. Na Alemanha jovens terminam a faculdade nessa fase da vida e começam a ganhar dinheiro. Essa parte era 19,2%, em 1994, e 15,0%, em 2002. Fonte: Statistisches Landesamt, Berlim, 2003.

as primeiras *love paradises*. Os prédios industriais vazios, terrenos baldios e áreas que circundavam o muro eram excelentes ambientes para essa música. A partir dessa cena *underground*, uma rede informal de clubes de música eletrônica surgiu, por exemplo, Tresor e E-werk.

Nessa época Berlim tinha uma população muito nova e um aumento no número dos jovens¹⁵. Um público jovem e intelectual foi atraído pelos aluguéis baixos e o clima cultural da zona central de Berlim. A falta de regulação no início dos anos 90 facilitou a invasão de prédios, e um prédio vazio não era difícil de ser encontrado naqueles dias. Haus des Lehrers é um exemplo de iniciativa subcultural com objetivos tanto comerciais como culturais, baseada na cooperação criativa de vários tipos de empresas no mesmo edifício, resultando em inter-relações e trocas de profissões e idéias; o projeto podia ser visto como um experimento sobre novas formas de capitalismo. Depois do edifício limpo para ser renovado, o grupo se mudou para outro lugar.

Nos anos 90 subculturas ocuparam prédios vazios e terrenos industriais nos bairros de Mitte, Prenzlauerberg e Friedrichshain. Muitos clubes em Berlim possuem fortes relações com o lugar ou com o edifício onde está localizado. Muitas vezes utilizam um interior típico ou nome relacionado ao lugar ou à função anterior do prédio. Essas iniciativas subculturais funcionavam como catalisadores



Mapa 1:
Mudança dos clubes pela
região central de Berlim
(1994-2000)
Fonte: Elaboração
própria de dados de
Flyer Magazine, em
relação à vida noturna

e incubadoras (Brutkasten), atraíam outras atividades e traziam investimentos públicos e valorização do bairro. Depois dos artistas e a vida noturna vinham os *yuppies*.

No fim dos anos 90 partes de Mitte foram gentrificadas, por exemplo, Hackesche Höfe. A população original, pequenas lojas locais e iniciativas subculturais tiveram de mudar por causa do aumento dos aluguéis e controle de barulho. A cena dos clubes foi deslocada pelos desenvolvimentos que ela mesma tinha estimulado com seu sucesso nos anos depois da queda do muro, e então se mudou de Kreuzberg via Mitte para Prenzlauerberg e Friedrichshain. Em 2002 uma parte significativa de Prenzlauerberg já tinha sido gentrificada¹⁶.

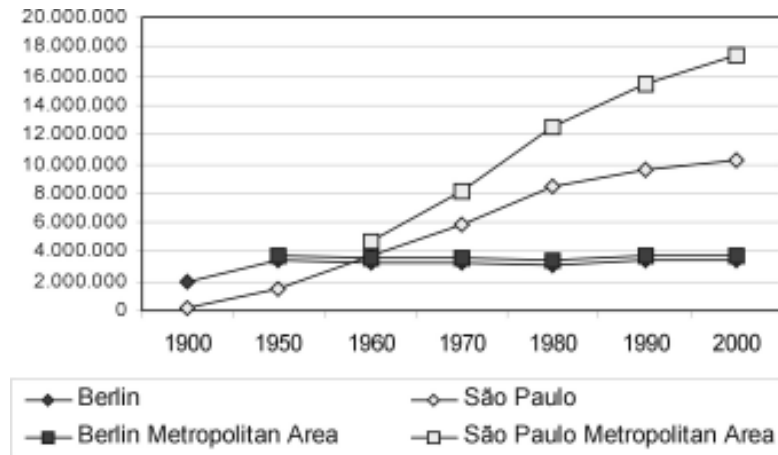
Depois, estratégias políticas de revitalização urbana desenvolveram-se, criando acesso a espaços para cultura em áreas deterioradas. Empresas imobiliárias e a prefeitura colaboravam dando acesso a alguns galpões na região Arena. Também existia um sistema especial na subprefeitura de Friedrichshain para alugar edifícios vazios a empresas iniciantes de desenho, como arquitetos e ateliês de arte, que podem se permitir apenas a um aluguel baixo.

Parece que um excesso de regulações a respeito de som, administração e impostos destrói a vida subcultural e sua diversidade, diz Bem de Biel, dono do clube Maria am Ostbahnhof, em uma entrevista de 2002. Se o governo quiser tratar as subculturas como instrumento para revitalização urbana no futuro, deverá facilitar os eventos temporários reduzindo a burocracia ao redor deles. Como reação (necessária) nesse desenvolvimento, o Club Commission de Berlim¹⁷ foi formado. É um corpo representativo de casas noturnas em Berlim que negocia e media entre autoridades municipais e os clubes, tenta acelerar e simplificar o processo de aplicação e aprovação de eventos e consegue pressionar melhor o sistema político, além de algumas outras atividades de caráter mais cultural. Esse exemplo mostra, claramente, que quanto mais subculturas estiverem institucionalizadas, mais elas perdem sua habilidade de agir como um instrumento criativo de revitalização urbana. São estruturas flexíveis, mas frágeis, e uma regulação forte ou as destruirá ou as transformará em empresas normais.

(16) WAHJUDI, Claudia (2000).

(17) www.clubcommission.de. Acesso em: 01-11-2004.

Population Growth in Berlin and São Paulo
 Fonte: Elaboração própria de dados de Statistisches Landesamt, Berlin, e IBGE



SUBCULTURAS E REVITALIZAÇÃO URBANA EM SÃO PAULO

Nesta pesquisa se investigou as possibilidades de tratar as subculturas como instrumento no processo de revitalização urbana em São Paulo, considerando as teorias e as experiências mencionadas acima. Para entendermos completamente essa questão em São Paulo é importante observarmos alguns dos problemas com relação a operações urbanas, distribuição de cultura, exclusão social e juventude.

São Paulo é uma cidade com muitas caras; grandes contrastes existem entre a zona central, que pode ser chamada mais ou menos de cidade global, e a periferia precária. Francisco de Oliveira descreve esses diferentes aspectos da sociedade brasileira, em seu livro *Crítica à razão dualista – O ornitorrinco*. A maior parte dos serviços e infra-estrutura são concentrados na zona central, a região mais rica. Schiffer¹⁸ nos alerta sobre os perigos de cidades com uma economia global que investem, principalmente, em suas áreas globalizadas, novas centralidades e áreas residenciais ricas, em vez de melhorar a cidade como um todo. A conseqüente falta de qualidade de vida na cidade, no final das contas, destruirá a atração da cidade como cidade “global”. Em *Globalização* (2004), ela conclui: para manter a posição de cidade global, São Paulo terá de resolver questões de poluição, violência e tráfego. Além disso, projetos de revitalização terão de ser implementados.

Operações urbanas em São Paulo, geralmente, não respeitam a população local e os lucros da valorização não fluem de volta à comunidade local¹⁹. Um dos principais fatores de valorização em São Paulo é a proximidade de serviços, por exemplo, cultura e lazer, localizados muito desequilibradamente. Acesso limitado aos serviços é um dos maiores problemas da cultura em São Paulo. *O Guia cultural do estado de São Paulo*²⁰ conclui: serviços culturais não são localizados proporcionalmente à distribuição da população, e no centro há uma concentração imensa de equipamentos culturais, enquanto nas regiões mais pobres da periferia (com população maior) há menos. A maioria dos jovens entre 17 e 29 anos mora na periferia, assim como a maior parte da população negra²¹. A população da região central é, principalmente, branca e está envelhecendo. Em Berlim vemos o contrário: jovens morando no centro, enquanto a periferia está envelhecendo.

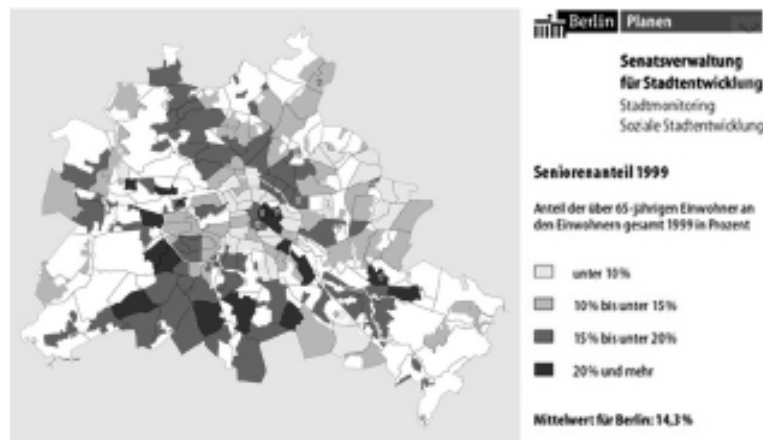
(18) SCHIFFER, Sueli. *A dinâmica urbana e socioeconômica da Região Metropolitana de São Paulo*. Palestra FAUUSP (1997).

(19) A Operação Centro parece ser diferente porque, além de infra-estrutura, seus investimentos também incluem cultura e renovação do espaço público.

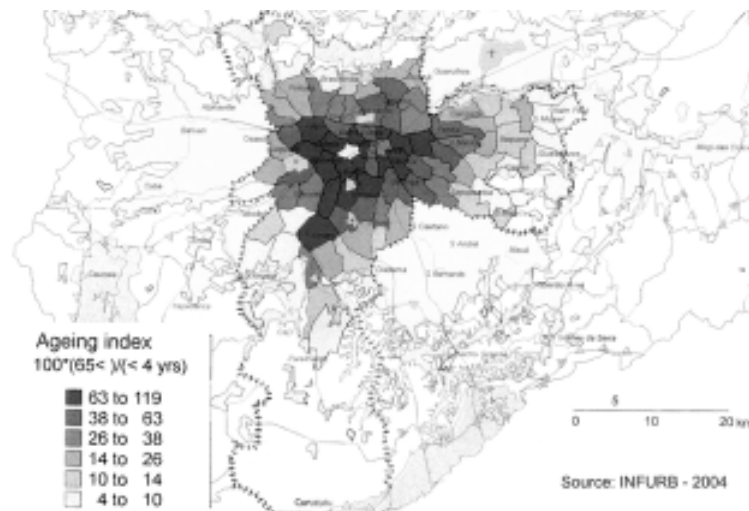
(20) Resultado da cooperação da Fundação Seade e a Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo. Sobre o papel da cultura na constituição de uma identidade coletiva e sobre políticas culturais como instrumento de desenvolvimento; algumas considerações sobre localizações espaciais de equipamentos culturais.

(21) censo/cem2000.

Mapa 2:
Distribuição de idosos
>65 anos em Berlim
(1999)
Fonte: Elaboração
própria de imagens de
Senatsverwaltung für
Stadtentwicklung, Berlim



Mapa 3:
Taxa de crescimento de
adolescentes em São
Paulo
Fonte: INFURB / Sempla



(22) Opinião discutida em
um seminário em maio
2004 no Instituto
Cidadania, Ipiranga.

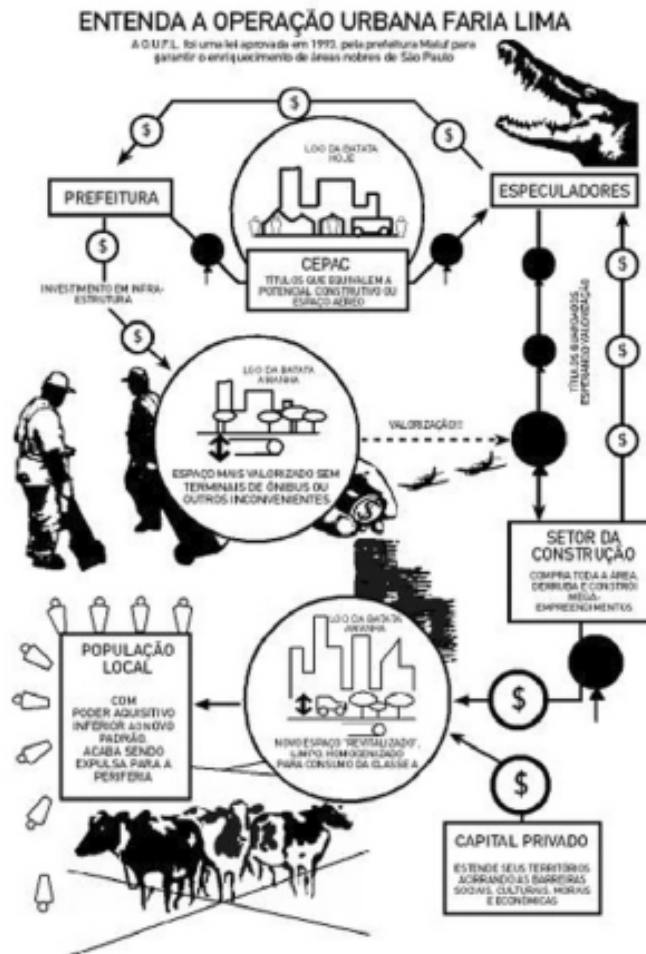
Uma pesquisa pelo Núcleo de Opinião Pública (NOP) em 2000 revela que jovens das áreas metropolitanas do Brasil têm uma experiência bastante empobrecida de tempo livre, uma variedade muito limitada de atividades culturais. A baixa densidade de serviços culturais nas regiões nas quais a maioria dos jovens vive pode, parcialmente, explicar isso. A distribuição dos equipamentos culturais é papel do governo, mas pode ser firmemente influenciada por grandes institutos, como o Sesc.

Um dos maiores problemas dos jovens em São Paulo é o desemprego. Na Grande São Paulo 50% dos jovens entre 15 e 17 anos estão desempregados. A metade dos desempregados na GSP são jovens abaixo dos 24 anos (1998). A criminalidade pode ser uma alternativa tentadora para muitos jovens desempregados na periferia. O medo da violência e de criminosos em São Paulo, por sua vez, levou a edifícios fortificados e ao abandono do espaço público. Por um lado, o jovem é, muitas vezes, mencionado como usuário importante do espaço público. É onde jovens se encontram e onde é criada cultura de jovens. Por outro lado, grupos de jovens ajudam causar a imagem insegura do espaço público. Muitos resolvem encontrar-se em shoppings ou outros espaços semiprivados.

A opinião geral sobre espaço público em São Paulo é, paradoxalmente, “*que é não o espaço de todo mundo mas o espaço de ninguém*”, um lugar perigoso controlado por criminosos e pela polícia²². Quando a violência aumenta, a população economicamente mais poderosa muda-se. O medo diminui a conexão dos habitantes com o lugar. Um outro efeito é a desvalorização dos prédios ou suas transformações em edifícios fortificados. Os que encontram a oportunidade preferem mudar-se para uma região mais “segura” a confrontar o problema.

Como vimos, a ausência de serviços, ou melhor, a concentração absurda em uma região específica, provoca rápida valorização ao redor de novos centros de serviço. Cultura e lazer, por conseguinte, são instrumentos úteis para especulação imobiliária em São Paulo. Durante seu crescimento, no século 20, a cidade expandiu seus limites, deixando, contudo, em seu tecido, vários vazios. Isso explica o tamanho enorme da cidade e alguns dos problemas de trânsito. Áreas residenciais, localizadas na periferia, justificaram a instalação de serviços públicos. Os pobres são as grandes vítimas desse processo perverso. Em um primeiro momento, as transformações se revelando em melhoramentos, aceitas com euforia, mas depois os alugéis altos os expulsam para as áreas menos valorizadas.

O processo da
gentrificação do Largo da
Batata
Fonte: BIJARI, São
Paulo, 2004



A operação urbana do Largo da Batata está sendo agora criticada por esta razão: trata-se da renovação de uma parte relativamente pobre do bairro de Pinheiros, com um importante terminal de ônibus municipal na avenida Brigadeiro Faria Lima. A população é uma mistura de classe baixa e média. Algumas organizações e o coletivo artístico Bijari²³ tentaram mobilizar a população e a mídia. O grupo culpa as autoridades por usar a falsa necessidade de revitalização para essa região, declarando-a “realmente viva” e não precisar ser revitalizada para uma imagem competitiva global. Na verdade, consideram que a perda do regionalismo e trabalhadores informais de várias culturas desvitalizará a região²⁴.

Ferreira critica, em seu artigo “Emurb *versus* a construção da cidade democrática”, a maneira como o concurso público nacional de reconversão urbana do Largo da Batata, em 2002, foi encaminhado. A Emurb não tinha entrado em um debate decente com a sociedade civil que utiliza o largo. Além disso, já omitiram dois aspectos fundamentais para o plano ser democrático: habitação popular e manutenção do perfil socioeconômico (baixa renda) da região. Áreas centrais como Largo da Batata, normalmente, são muito caras para os pobres morarem. Por isso, propor uma reconversão sem implantar habitação popular seria o mesmo que aceitar e reforçar a expulsão social dos pobres para a periferia.

No centro, várias organizações lutam para uma revitalização urbana que também cuidasse dos moradores atuais e do patrimônio histórico²⁵. A maior diferença entre a operação urbana do centro e as outras, como Faria Lima e Água Espraiada, é a âncora de investimento colocado pelo Estado: serviços culturais e espaço público, em vez de apenas infra-estrutura. Isso motivou investidores como grandes hotéis executivos a virem para a região pela primeira vez em 20 anos. Por exemplo, Accor Brazil e Hotel Mercure anteciparam uma tendência de negócios e turismo cultural no centro.

Avaliando revitalizações de centros antigos em outras cidades, Neil Smith²⁶ afirma o seguinte sobre o retorno da elite para o centro: “*Gentrificação é um produto estrutural do mercado de terra e habitação.*” O dinheiro vai aonde pode ganhar mais. O movimento atual do dinheiro para a periferia, com a desvalorização do centro, no fim das contas criará um descompasso de aluguéis. Quando essa diferença é suficientemente grande, a reabilitação pode começar a competir com os lucros em outras áreas e o dinheiro voltará. “*Gentrificação é um retorno à cidade, mas um retorno à cidade por dinheiro, mais que gente.*”

Embora no centro haja acessibilidade e 29% dos empregos formais na cidade²⁷, as classes média e alta evitam o centro por razões de segurança e sua imagem decadente. A prefeitura realizou um investimento importante no centro, mudando o coração da administração, e alguns departamentos para o Vale do Anhangabaú. Isso pode levar outros investimentos à área. Hoje em dia, uma grande parte da cena cultural alternativa está localizada no centro, mas os impactos socioeconômicos, em termos de gentrificação e renovação urbana, como o vimos no centro de Berlim, não são encontrados em São Paulo.

(23) www.bijari.com.br. Acesso em: 01-11-2004.

(24) Em julho de 2004, Bijari exibiu suas ações em Sesc paulista. Entre os habitantes do Largo da Batata espalharam *flyers* explicando os efeitos de gentrificação.

(25) www.forumcentrovivo.hpg.ig.com.br. Acesso em: 01-11-2004.

(26) “Towards a theory of gentrification” in *New urban frontier*.

(27) PMSP: São Paulo em números, 2000. RAIS/DATAMEC.

Incubadoras culturais poderiam ser um instrumento para revitalização urbana em São Paulo? Quando pensamos nos três ingredientes que são, normalmente, conectados a catalisadores urbanos, já mencionados anteriormente, notamos, imediatamente, algumas das qualidades e problemas de São Paulo:

- (1) espaço vazio;
- (2) os usuários e atividades temporárias; e
- (3) seus efeitos no ambiente.

Como já vimos, espaço vazio não é difícil de encontrar-se em São Paulo, por causa das imensas especulações de terrenos e o processo de desindustrialização. O problema, na verdade, é que a maioria deles não está disponível. Eles podem ser disponibilizados por intervenção do governo. Um uso mais intensivo já foi estimulado pela administração Marta Suplicy (2000-2004), a qual aumentou bastante os impostos para lotes vazios na zona central. Há alguns anos também existe a possibilidade de ocupar-se um prédio quando o dono não tiver pago os impostos por mais de um ano. Ao contrário de cidades européias, há pouca reutilização de fábricas, galpões e terrenos industriais. Duas exceções importantes são as unidades do Sesc, na Pompéia e no Belenzinho.

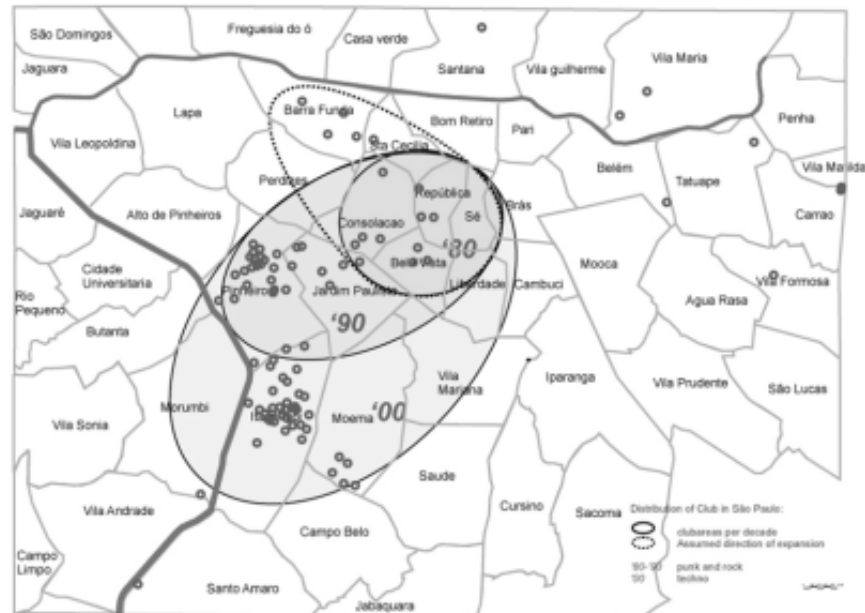
Veremos que os tipos de organizações alternativas em São Paulo são diferentes das ocorridas em Amsterdã e Berlim durante os anos 90. Enquanto em Berlim os movimentos subculturais possuem a forma de coletivos profissionais ou artísticos, lutando por expressão e experimentando novos conceitos de produção ou gerenciamento de uma empresa, em São Paulo, normalmente, lutam por reconhecimento e contra os problemas da vida do dia-a-dia, como violência, desemprego, drogas e falta de habitação acessível.

Na verdade, o empreendedor alternativo (informal) é mais regra que exceção (aproximadamente a metade da economia é informal), especialmente o centro antigo e a periferia mostram uma cena informal comercial enorme. Porém, nesse grupo não há as conexões, origens culturais, formação e objetivos culturais como nos movimentos mencionados acima. Em Amsterdã e Berlim esse tipo de empreendedor é um caso de escolha, uma maneira alternativa experimental de viver para uma vanguarda intelectual de classe média. Em São Paulo, é um modo de sobrevivência.

Isso significa que este grupo inovador alternativo de intelectuais não existe em São Paulo? A classe média a qual produz esses grupos está ficando mais pobre. A diferença entre classe alta e baixa está crescendo e o que fica no meio parece estar sumindo. O medo da violência e o desejo por segurança são muito grandes em São Paulo. Indiretamente, isso cria uma falta de jovens ativos, necessários para iniciar vida cultural no espaço público, nas áreas fora de casa e de ambientes seguros. Há pouca motivação entre a juventude da classe alta e média para descobrirem e usufruírem de outras partes da cidade para arte, lazer e viver.

Enquanto clubes desempenhavam um papel importante na vida subcultural no centro de Berlim, em São Paulo, a maioria deles não tem este *status* inovador. Clubes são um dos equipamentos mais caros da vida noturna em São Paulo e, por conseguinte, são considerados lazer para os ricos. Esses clubes se mudaram pela cidade nas últimas décadas, seguindo o desenvolvimento econômico da cidade.

Mapa 4:
Mudança dos clubes pela
região central de São
Paulo
Fonte: Elaboração
própria de dados do *Guia
Folha*, em relação à vida
noturna (1999 – 2004)



Em ordem cronológica: Centro, Jardins/Paulista, Pinheiros/Vila Madalena e Vila Olímpia. É interessante observar o oposto exato da migração dos clubes em Berlim: fugindo das áreas renovadas. Isso indica o diferente *status* cultural do fenômeno “clube” em ambas as cidades, sendo ou subcultura inovadora ou lazer de alto padrão.

Quais, então, são os grupos subculturais envolvidos na revitalização urbana em São Paulo? Na escala local há muita atividade de chamados movimentos sociais, como Organizações não-governamentais, ONG’s. Algumas subculturas com raízes em um estilo musical têm interesse em melhorar o ambiente no qual vivem; muitas vezes é uma favela ou região deteriorada na periferia. O movimento *hip hop*, por exemplo, contribuía na formação das “posses” – característico do *new school* –, que discute questões sociais e políticas²⁸. A filosofia dessas *hip hop* é a de, além da função de animar festas, a música ser uma maneira de levar cultura e consciência. O DJ desempenha o papel de educador²⁹. Além de organizar eventos na rua, alguns deles, por exemplo, Voz da Resistência em Embu³⁰ (zona oeste), fornecem educação profissional com professores voluntários.

Um outro exemplo é a música eletrônica, a qual emergiu dos estilos musicais rítmicos dos pobres e depois foi adotada e transformada pelos ricos *clubbers* jovens. Hoje, a música eletrônica parece ser capaz de construir uma ponte entre centro e periferia. As séries de shows organizados pelo clube LOV – e em colaboração com a prefeitura e outros grandes eventos de dança organizados pelo Amigos da Música Eletrônica, AME³¹, afirmam isso.

Uma das manifestações mais importantes de subculturas é a ocupação de edifícios. As origens das organizações de invasores em Amsterdã, Berlim e São Paulo são muito diferentes. Em Amsterdã e Berlim são compostas por e para jovens educados. Além de um lugar para morar, essas organizações tomam espaço para organizar eventos culturais, por exemplos, galerias ou clubes. A renovação ou melhoramento do edifício raramente é um dos objetivos da ocupação. Os

(28) Em São Paulo podem ser mencionadas algumas posses importantes: Sindicato Negro (antigamente na praça Roosevelt), Força Ativa (Cidade Tiradentes), Conceitos da Rua e Poder e Revolução.

(29) ASSEF, Claudia, *Todo DJ já Sambou* (2003), p. 117.

(30) Posse apoiada pela prefeitura de Embu, relacionada à Educafro, ONG para estimulação de educação para os socialmente excluídos, especialmente negros na periferia.

(31) www.amigosme.org. Acesso em: 01-11-2004.

movimentos sem-teto em São Paulo são, basicamente, compostos por e para famílias, idosos e deficientes. Seu primeiro interesse é proporcionar aos membros uma alternativa de viver em cortiços, favelas ou nas ruas. Eles atuam como movimentos sociais, com a intenção de conseguir habitação de boa qualidade e, por conseguinte, reformar o prédio. O centro de São Paulo tem 4.800 prédios vazios e 3.800 famílias inscritas em movimentos sem-teto³². As classes média e alta, geralmente, não estão envolvidas nesses movimentos. A ocupação de prédios em São Paulo é difícil por causa da violência policial. Porém, a possibilidade existe. Movimentos sem-teto provam isso e a vanguarda cultural poderia explorar e aumentar essas possibilidades.

A gestão 2000-2004 (PT) viu a cultura de jovens como instrumento de revitalização urbana. Alexandre Youssef, coordenador da Juventude da prefeitura, explica, em uma entrevista³³, que desde 2000 a prefeita Marta Suplicy tem dado ênfase à importância de manifestações *underground*, alternativas de cultura gay, vanguardistas e subculturais. A política de revitalização dessa administração foi focada no apoio de iniciativas locais já existentes ou em desenvolvimento, como, por exemplo, melhorar espaços públicos deteriorados por *grafiteiros* e equipamentos de *skate*.

Uma das principais atividades de pesquisa da coordenadoria foi o “Mapa da Juventude”, um inventário de vários coletivos de jovens, relacionados à música e ao lugar. Youssef acredita na revitalização do espaço urbano pela cultura de jovens. Ele menciona exemplos de clubes e bares na área industrial da Barra Funda, Pompéia e Ceasa com seus armazéns ocupados. Há quatro anos esses armazéns eram muito precários e as culturas alternativas os melhoraram. As políticas de juventude do PT, hoje em dia, estão enfocadas na criação de coletivos e estímulo da participação dos jovens na política. A idéia é de como coletivos, com um representante forte, o *hip hop*, *skate*, *punk* ou qualquer grupo possa lutar pelos próprios direitos mais efetivamente. Os efeitos sociais que eles possuem nas comunidades, mencionadas acima, são altamente considerados nesse governo. As políticas atuais de juventude do estado e a prefeitura de São Paulo são dotadas de duas linhas principais de desenvolvimento:

1 – Melhoramento no acesso aos serviços (isto pode significar construção de mais equipamentos na periferia, melhoria no transporte público e remoção de outras barreiras para acesso aos serviços culturais).

2 – Estimulação da participação política pelos jovens (em atividades e o desenvolvimento das próprias políticas).

O Projeto Valorização de Iniciativas Culturais, Departamento de Cultura (VAI) mostra o reconhecimento concedido pela prefeitura às pequenas iniciativas culturais. O projeto oferece um pequeno recurso de R\$15.000,00 a iniciativas que melhoram seus ambientes diretamente.

Essas pequenas iniciativas culturais são valorizadas por seus impactos sociais nas comunidades locais. Sua influência em uma escala maior, como na maneira que elas atraem pessoas e investimentos em Berlim, não é reconhecida e pode até ser que não exista em São Paulo. Não recebem prédios vazios ou terrenos para

(32) No centro de São Paulo os cinco maiores movimentos sem-teto são: União dos Movimentos de Moradia, Movimento de Moradia do Centro, Unificação das Lutas de Cortiços, Fórum dos Cortiços e Movimento Sem-Teto do Centro.

(33) 13 de abril de 2004, entrevistado por L. Conradi e M. Nefs.

estimularem revitalização urbana. Políticas de juventude e cultura tratam de acesso aos serviços, mas não de acesso ao espaço em si. Projetos cooperativos da prefeitura, subculturas e donos ou especuladores poderiam criar incubadoras interessantes que trouxessem uma solução para a falta de espaço cultural na região, enquanto prédios (às vezes patrimônio histórico) fossem mantidos gerando aluguel.

CONCLUSÃO

À primeira vista São Paulo parece comportar tantas possibilidades para incubadoras culturais como Amsterdã ou Berlim. Subculturas são bastante representadas na cidade e cada vez mais reconhecidas como instrumento de revitalização urbana pelo governo local, porém o acesso a prédios ainda não parece ser suficiente. Pequenas iniciativas culturais estão sentindo falta de espaço, enquanto na cidade há um excesso de prédios vazios, deixados sem manutenção pelos especuladores.

Por um lado, a abertura desses espaços poderia levar a uma solução (temporária) para os problemas na distribuição dos equipamentos culturais. Por outro lado, sem um governo muito forte esses lugares vão tornar-se centros de gentrificação nas mãos do poderoso setor imobiliário.

É difícil conduzir todos esses paradoxos e agendas opostas a uma conclusão satisfatória, mas a chave de um bom projeto de revitalização urbana em cooperação com subculturas, provavelmente, será uma negociação forte entre os partidos mencionados. Porque a predominância das subculturas favorecerá a diluição dos interesses públicos em benefício dos interesses dos grupos; a predominância do governo levará à institucionalização das subculturas e, por isso, ao enfraquecimento de seus efeitos; e a predominância do setor imobiliário reforçará o efeito excludente da valorização.

BIBLIOGRAFIA

- ASSEF, Claudia. *Todo DJ já sambou: A história do disc-jóquei no Brasil*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- CALDEIRA, Teresa. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2003.
- CASTELLS, Manuel. *The power of identity, or of identity: The information Age – Economy, society and culture*. Oxford: Blackwell publishers, 1997.
- CHRISTIAANSE, Kees. The city as loft. Berlin, *Topos*, n. 38, 2002.
- FERREIRA, João Sette Whitaker. *A Emurb versus a construção da cidade democrática*. Disponível em: <www.dossiebrasil.org/forum/mural>: Acesso em: 01 nov. 2004.
- ILANUD (+United Nations). *Projeto Centro de Defesa Técnica-Jurídica*. São Paulo: Ilainud, 2003.
- KEMPEN VAN, Ronald; MARCUSE, Peter. The dialectics of racial discrimination. *American Behavioral Scientist*, v. 41, n. 3, p. 299-310, nov./dez. 1997.
- MAFFESOLI, Michel. *Du tribalisme*. Disponível em: <http://www.ceaq-sorbonne.org/maffesoli/ar_tribal.htm>: Acesso em: 01 nov. 2004.

- MAGNANI, José Guilherme; TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na metrópole: Textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, 1996.
- OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à razão dualista – Ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.
- OSWALT, Philipp. *Berlin – Stadt ohne form. Strategien einer anderen architektur*. Berlin: Prestel, Mchn. 2000. Disponível em: <www.urbancatalyst.de>. Acesso em: 01 nov. 2004.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *HipHop, a periferia grita*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2001.
- SANTOS, Milton. *Metrópole corporativa fragmentada*. São Paulo: Secretaria do Estado da Cultura/ Nobel, 1990.
- SCHIFFER, Sueli; CARDIA, Nancy. *Urbanization, youth and risk factors for substance abuse*. São Paulo: World Health Organization, 2004.
- SCHIFFER, Sueli. *Globalização*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2004.
- SKELTON, Tracey; VALENTINE, Gill (Eds). *Cool places. Geographies of youth cultures*. Londres & Nova York: Routledge, 1998.
- SMITH, Neil. *New urban frontier; Gentrification and the revanchist city*. Londres & Nova York: Routledge, 1996.
- STATISTISCHES LANDESAMT BERLIN. *Monatschrift*. Berlin: Statistisches Landesamt Berlin, 2000.
- TEIPEL, Jürgen. *Verschwende Deine Jugend, Ein Doku-Roman über Den deutschen Punk und New Wave*. Berlin: Suhrkamp, 2005.
- TOPALOVIC, Milica; NEELEN, Marc; DZOKIC, Ana (Stealth group). *Culture of temporary use in Amsterdam; From squatter to cultural entrepreneur decade of transformation of Amsterdam squatting network*. Disponível em: <www.urban-os.com.> (2003). Acesso em: 01 nov. 2004.
- VAZ, Lilian Fessler; JACQUES, Paola Berenstein. Cultura na revitalização urbana, espetáculo ou participação? São Paulo, *Espaço & Debates*, v. 23, n. 43-44, p. 129-140, jan./dez. 2003.
- WAHJUDI, Claudia. Subkultur auf der Flucht. *Zitty special*. Berlin, n. 10, 2000.
- _____. Der Prenzlauerberg ruft und die Szene löst sich auf. *Zitty special*. Berlin, n. 19, 1999.
- _____. Friedrichshain, Die neue Mitte. *Zitty special*. Berlin, n. 7, 1998.

PALAVRAS-CHAVE (KEY WORDS)

Subcultura, revitalização urbana, gentrificação.

Subculture, urban revitalization, gentrification.

Obs.: Projeto de intercâmbio acadêmico entre FAUUSP e TU Delft (Holanda) em 2004. Orientação: Vera Pallamin, Sueli Schiffer e Marisa Carmona (TU Delft).

Merten Nefs

MscA, formado em 2003 pela Universidade de Tecnologia de Delft, na Holanda, onde trabalhou em escritórios de planejamento urbano e desenho de espaço público. Realizou uma pesquisa na FAUUSP em 2004, e atualmente trabalha e estuda em São Paulo.